



INTERCOM

Sociedade
Brasileira de
Estudos
Interdisciplinares da
Comunicação

Rua Augusta, 555
01305 São Paulo
(BRASIL)

Sete-br/80

BOLETIM n.º 73

Destaque:

Noticiário da INTERCOM - Êxito do Ciclo sobre Populismo representou consolidação da INTERCOM/ Mulher na imprensa; tema da reunião de estudos de outubro

Ensaio - Eleições diretas para Reitor da PUC-SP/ Alfabetização continua um sonho

Atualiza - AIÉKI reúne pesquisadores da comunicação na Venezuela/ Novas abordagens da pesquisa em comunicação: seminário em Porto Alegre

Teoria - Teleinformática / A era dos jornais eletrônicos

Notícia - Hete Casarop / Samuel Vainer

Comunicação Internacional - Perui ditadura militar fez imprensa retroceder

Comunicação Popular - Cerâmica de Tracunhaém /Povo quer local para diálogo / Calpira e

Caçera / Sociedades de bairros

Profissões - Um balanço do jornalismo

Veículos - Concorrência desleal: discos x TV / O comércio do livro e o MEC / Randelran-tes propõe TV mais democrática

Eventos - Encontro de RP na UNESP / 30 anos de TV no Brasil / Bienal do livro

Atualiza - Bordenave oferece consultoria / APFL edita revista

Noticiário Geral - Figueiredo condena pornografia / Embrafilme defende-se / Poetas nas ruas de São Paulo

Depoimento - As opiniões de Antonio Cândido

Comentário - O novo jornalista

Editores: Anamaria Fadul / Fernando Perrone / José Marques de Melo / J. S. Faro / Joseph Luyten / Luiz Fernando Santoro / Nanolo Morán / Ricardo Holanda / Rogério Calengue.

Noticiário da INTERCOM

ÊXITO DO III CICLO DE ESTUDOS REPRESENTOU CONSOLIDAÇÃO DA INTERCOM

Realizado em Taboão da Serra (SP), no período de 4 a 6 de setembro, o III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação debateu, em profundidade, o tema "Estado, Populismo e Comunicação no Brasil". Pela primeira vez o encontro teve uma participação equilibrada de especialistas de diferentes setores das ciências humanas, ao contrário dos anteriores em que ainda houve predominância de pesquisadores da comunicação. A questão central, a reflexões e debates, foi a caracterização do neopopulismo. Ou seja, em que medida as tentativas atuais, no plano do Estado, de cortejo às massas, através de mecanismos publicitários e jornalísticos, podem configurar uma retomada das práticas comunicativas do Estado Novo? Trouve-se a controvérsia, sem ancorar em qualquer posicionamento. Alguns dos participantes entendem que a experiência populista não tem condições de ser reeditada nos tempos atuais, por ser o quadro social e econômico marcado pela emergência decidida dos movimentos populares, que não mais se deixam enganar pelas táticas demagógicas e atrativas dos donos do poder. Outros entendem que o "fantasma de Vargas permanece" e diante da impossibilidade de adquirirem legitimação eleitoral, os atuais governantes tentam fazer uso de manobras dissuasivas, dando a idéia de uma participação política que na verdade não ocorre, e, para tanto, se aproximam dos valores nacionais e populares, etc. Na verdade, o Ciclo não pretendeu chegar a conclusões, mas procurou abrir o debate em torno de uma questão que só a experiência histórica irá delinear com precisão. Como das vezes anteriores, os documentos principais serão reunidos em livro - a ser publicado pela Cortez Editora - permitindo assim aos sócios que não estiveram presentes acompanhar o fio das discussões ali travadas. O excelente nível dos trabalhos apresentados e a participação interessada dos presentes representam, sem dúvida alguma, a consolidação da INTERCOM enquanto sociedade de estudos avançados.

SÓCIOS FAZEM AVALIAÇÃO DO CICLO SOBRE POPULISMO

Uma inovação introduzida no III Ciclo da INTERCOM foi a inclusão, no programa, de uma sessão final destinada a fazer avaliação do certame. Na noite de sábado, dia 6 de setembro, os participantes se reuniram para fazer um balanço da iniciativa. As principais críticas levantadas diziam respeito ao grande volume de trabalhos apresentados e o curto espaço de tempo que restou para os debates. Na prática, os participantes tiveram escassas possibilidades de dialogar com os expositores, já que o espaço reservado para tal permitia quando muito algumas perguntas e respostas. Em face disso, ficou decidido recomendar à diretoria da INTERCOM que o próximo ciclo reduza drasticamente as intervenções dos expositores, reservando-se a maior parte do tempo para as contribuições dos participantes regulares. Por outro lado, mereceu apoio a utilização de outros recursos, que não a palavra, como mediadores na comunicação dos participantes. Desta vez foram projetados alguns filmes e slides, experiência que deverá ser reforçada nos próximos eventos. Sugeriu-se ainda que algum tempo seja reservado para lazer, pois as sessões de estudo geralmente são cansativas, deixando exaustos os participantes. A questão, porém, a suscitar maiores controvérsias foi a proposta

de que os próximos ciclos da INTERCOM sejam abertos a maior número de pessoas, inclusive aos estudantes das escolas de comunicação. Uma decisão sobre a matéria será tomada na próxima assembleia geral da Sociedade.

PARTICIPAÇÃO NACIONAL AMPLIADA

Enquanto o II Ciclo (realizado em São Paulo) contou com a presença de participantes de 5 estados da federação, o III Ciclo (de Taboão da Serra) teve duplicado o número de Estados presentes. A predominância quantitativa ainda pertenceu a São Paulo, onde se concentra a maioria dos sócios da INTERCOM. Mas, mesmo assim, houve uma maior afiliação de pessoas de outros Estados, tanto assim que a cifra inicial de 50 lugares foi posteriormente ampliada, exatamente para atender aos pedidos de fora de São Paulo, chegando a atingir 80. Estiveram presentes sócios de São Paulo, Paraíba, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Maranhão e Pará.

IV CICLO: JÁ ESTÁ ABERTA A DISCUSSÃO SOBRE O TEMA BÁSICO

Durante o III Ciclo, a diretoria da INTERCOM buscou fazer uma sondagem para definir o tema do próximo, a ser realizado em setembro de 1981. Cada participante (em alguns casos, grupos de sócios) fez sua própria sugestão, que foi anotada para orientar a diretoria e o conselho na decisão final. As que não estiveram presentes, há contudo a possibilidade de fazer sugestões pelo correio. A intenção da diretoria é escolher um tema que se não satisfizer o desejo de cada sócio pelo menos esteja próximo do universo de expectativas expressado pela maioria. Desta maneira, a INTERCOM se tornará cada vez mais democrática.

ELEIÇÕES: JÁ EXISTE UMA CHAPA INSCRITA

Durante o III Ciclo, houve uma reunião aberta para discutir às questões ligadas à vida da INTERCOM, inclusive a eleição da próxima diretoria. Houve uma posição geral, defendida por alguns sócios, e aceita pela maioria dos presentes, no sentido de que, nessa fase de consolidação da INTERCOM, a atual diretoria viesse a ser reeleita. Na ocasião, o atual presidente, Professor José Marques de Melo manifestou sua posição pessoal, contrária ao continuismo na direção de instituições associativas. No entanto, atendendo aos apelos gerais, tanto o atual como alguns dos ocupantes de cargos na diretoria e conselho fiscal, concordaram em se candidatar à reeleição, sem que isso signifique a impossibilidade de surgirem outras chapas com outros nomes. A inscrição da chapa já foi formalizada à comissão eleitoral, devendo ser divulgada integralmente num dos próximos boletins.

NOVO LIVRO DA INTERCOM: REPERCUSSÕES - I

Lançado em julho, durante a reunião anual da SBPC, no Rio de Janeiro, o segundo livro da INTERCOM - Comunicação e Classes Subalternas (São Paulo, Cortez Editora, 1980) vem obtendo boa repercussão junto aos círculos acadêmicos do país. Diversos professores, em várias faculdades de comunicação, o estão recomendando aos seus alunos como texto básico para o ci-

clo geral. Na imprensa, a obra também vem encontrando boa receptividade, tendo sido registrado nas seções editoriais de vários jornais e revistas. Cortez, o editor, está satisfeito com a circulação do livro no mercado editorial. Dentre os comentários publicados em jornais merecem destaque o de Sérgio Caparelli (Cojornal, nº 56, Porto Alegre, agosto de 1980) 'Nos meios de comunicação de massa - rádio, televisão, jornal - são os objetos privilegiados no estudo da comunicação. Nos últimos tempos, porém, é cada vez maior o interesse em análises de outras formas de comunicação, principalmente no domínio das classes dominadas. Daí a importância de um livro como Comunicação e Classes Subalternas, resultado do II Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado em São Paulo no ano passado'. E também a observação de Mário Erbolato (O Liber, Americana, SP, 9/8/80): "A INTERCOM e a Editora Cortez trazem uma colaboração excelente para o estudo da comunicação daqueles que não recorrem à grande imprensa e que, marginalizados ou sofridos, procuram expor suas reivindicações ou fazer apelos materiais ou espirituais, de acordo com as suas crenças".

A MULHER NA IMPRENSA: TEMA DE REUNIÃO DE ESTUDOS DE OUTUBRO

Está marcada para o dia 13 de outubro (segunda-feira), às 14 horas, na sede da ABI (rua Augusta, 555), a próxima reunião de estudos da INTERCOM. O tema a ser debatido será A MULHER NA IMPRENSA, contando com a participação das sócias Dulcília Bultoni (que defendeu tese de doutoramento sobre a representação da mulher na imprensa feminina brasileira) e Silvia Lustig (que está preparando dissertação de mestrado sobre o Suplemento Feminino do Estado). Registre-se que a decisão sobre o tema da próxima reunião foi tomada pelos participantes da reunião de agosto (Ideologia de um jornal burguês).

JORNAL DA UBE DESTACA ATIVIDADES DA INTERCOM

O Escritor, novo jornal da UBE (União Brasileira de Escritores), coordenado pelo Professor Fernandes Neto, publica em seu nº 4 (junho/julho-80) uma nota sobre a INTERCOM: "Com pouco tempo de existência, a INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - é um exemplo de trabalho e dinamismo. Sua próxima reunião é o III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que terá como sede Taboão da Serra".

BOLETIM INTERCOM: NOVO FORMATO

Desde a edição passada, o "Boletim INTERCOM" vem sendo editado no formato meio ofício. Muitos sócios reagiram favoravelmente à mudança e elogiaram a iniciativa. Alguns, porém, reclamaram das dificuldades de legibilidade que o novo formato vem causando. Gostaríamos de explicar que a mudança gráfica deveu-se principalmente ao fator econômico: contando com receita limitada, procedente exclusivamente dos sócios, a INTERCOM viu-se na contingência de reduzir as despesas gráficas e de expedição. O novo formato reduziu pela metade as despesas anteriores. Por outro lado, há uma vantagem na nova apresentação: a facilidade de arquivo e de consulta, sobretudo para aqueles que usam o boletim na sala de aula. Esperamos que os sócios insatisfeitos relevem as naturais dificuldades de leitura e compreendam as razões que determinaram a alteração. Já a partir desta edição, estamos tentando ampliar o universo

focal, usando maiores espaços entre as linhas do texto. De qualquer maneira, queremos registrar que a diretoria recebeu com entusiasmo os protestos dos sócios, uma indicação evidente de que o boletim é útil e lido com interesse.

Noticiário dos Sócios

ROBERTO EMERSON BENJAMIN (PE) - Publicou na revista "Tempo Universitário" (Natal-RN) o artigo "Breve Notícia de Antecedentes Franceses e Ingleses da Literatura de Cordel Nordestino", vol. 6, nº 1, 1980.

JOSEPH LUYTEN (SP) - Proferiu conferência, em julho, sobre "Oralidade da literatura popular em verso", durante o Festival de Inverno de Campos do Jordão / Participou, em setembro, do Encontro de Poetas Populares, realizado em Brasília.

ERASMO NUZZI (SP) - Coordenou, em setembro, a II Semana de Comunicação Internacional, promovida pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero.

ROBERTO P. QUEIROZ E SILVA (SP) - Produziu trabalho a ser publicado pela revista "Leopoldiana" sob o título "Video-Espelho: Uma Nova Opção de Linguagem Para Grupos Minoritários".

SEBASTIÃO C. SQUIRRA (SP) - Preparando trabalho para o Museu da Imagem e Som, dentro das comemorações dos 30 anos da TV no Brasil. Será uma mesa-redonda sobre a TV por cabo e suas perspectivas no Brasil.

MARIA HELENA LEBER (RS) - Coordenando projeto experimental em Relações Públicas na UNISINOS com o objetivo de lançar campanha de esclarecimento sobre o deficiente físico. Ao mesmo tempo está trabalhando em sua tese de mestrado a ser defendida junto ao CPG da Sociologia da URS.

ATTILIO HARTMANN (RS) - Iniciou estudos de Pós-Graduação em Comunicação Social na Metodista (SBC), ao mesmo tempo em que está exercendo a coordenação do Setor de Comunicação da Arquidiocese de São Paulo e do Regional Sul I da CNBB.

RHEA SYLVIA GARTNER (RS) - Realizando Pós-Graduação na Fundação Escola de Sociologia e Política - SP, com uma proposta de pesquisa ligada ao jornalismo comunitário.

LEA T. B. ZARDO (RS) - Iniciando estudos sobre a comunicação nos presídios, partindo para a experiência piloto: produção de jornal totalmente elaborado pelos reclusos.

CARLOS ALVES MULLER (RS) - Preparando dissertação de mestrado a ser defendida na URS, sobre a nova ordem internacional da informação. Realizando trabalho para o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul, sobre o mercado de trabalho em Porto Alegre.

LINDO TUCUNDUVA NETO (SP) - Trabalhando em seu projeto de pesquisa sobre a "Imprensa Operá-

ria na Região do ABC a partir de 1950", tema sobre o qual fez uma comunicação no III Ciclo de Estudos da INTERCOM.

ANA MARIA CRIPPA (PR) - Realizando pesquisa sobre os efeitos da publicidade na TV, como geradora de ansiedade nas crianças.

EDMIR PERROTTI (SP) - Terminou curso de Pós-Graduação na ECA-USP. Também publicou na "Revista de Biblioteca e Documentação" o artigo "Reprodução Ideológica e Livro Infanto-Juvenil", resultado de pesquisa efetuada em conjunto com as professoras Mirna Pinski, Márcia Cruz e Cecília Reggiani.

SEBASTIÃO JORGE (MA) - Está elaborando projeto para circulação de jornal semanal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Maranhão.

JOSÉ MARQUES DE MELO (SP) - Publicou artigo sobre imprensa comunitária na revista "Comunicação", nº 28 - 291, editada em Caracas, pelo Centro de Comunicação Social Jesus Martin Pelin.

Ensino

MEC QUER RIGOR NA AJUDA À PÓS-GRADUAÇÃO

Evitar que os órgãos e empresas ligados aos Ministérios e ao DASP concedam auxílios a cursos de Pós-Graduação sem que eles tenham sido previamente examinados pelo Conselho Nacional de Pós-Graduação. Este é o conteúdo do que o ministro Eduardo Portella enviou às repartições ligadas ao setor apelando para um maior rigor nos financiamentos às instituições que ministram cursos de pós-graduação. A medida está relacionada com o recente pronunciamento do CFE a respeito da inconveniência dos cursos de pós-graduação conhecidos como "filiais" de instituições localizadas nos grandes centros, cuja qualidade de ensino é inferior à de suas "matrizes" mas que nem por isso deixam de receber verbas de instituições oficiais. Além disso, Portella em sua circular afirma que em muitos cursos há tentativa de burla ao sistema de avaliação e controle das políticas fixadas para a área de pós-graduação do País.

ELEIÇÕES DIRETAS NA PUC: A ESCOLHA DO REITOR

Pela primeira vez na história da Universidade brasileira, alunos, professores e funcionários escolheram em setembro o novo reitor da PUC-SP. A eleição, que foi antecedida de uma intensa movimentação política em torno dos nomes que concorreriam ao cargo, marca uma nova fase nos cursos universitários, na medida em que permitiu não apenas uma participação ampliada no processo de escolha do reitor mas também porque trouxe à discussão todos os problemas da Universidade brasileira, democratizando intensamente assim a participação da comunidade. Exceção feita a um grupo de professores ligados à TEP, que tumultuaram as eleições recusando-se em participar das mesas de votação, em todas as unidades do campus da PUC a eleição transcorreu normalmente.

ANA MAE BARBOSA FALA SOBRE O ENSINO DA ARTE

"A arte hoje é puro decorativismo nas escolas, no sentido literal e simbólico, e tem como objetivo enfeitar humanisticamente o currículo, enquanto o professor tem a função de ensinar a escola nos dias de festa". Esta é a opinião de Ana Mae Barbosa, da INTERCOM, a respeito do ensino da arte nas escolas brasileiras. A professora, que integrou a comissão executiva da Semana de Arte e Ensino organizada pela ECA-USP, vê uma contradição nesse quadro e "Arte Escolar" não tem correspondência com a arte contemporânea. Ana Mae Barbosa afirma que desde a reforma educacional de 1971, que tornou obrigatório o ensino de arte no 1º grau passaram-se quase 11 anos e a situação continua "estorotipada e medíocre". Para ela, está na hora de se ter uma preocupação maior com o assunto para que os professores "sejam recebidos com respeito e os alunos não encarem as aulas como uma hora de lazer apenas, e sim um lazer ligado à cultura".

A ALFABETIZAÇÃO CONTINUA UM SONHO

O dia 9 de setembro marcou o aniversário (10 anos) do MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização - mostrando que muito pouco ou quase nada foi realizado neste campo, com a própria instituição se transformando em verdadeira incógnita, contestada em todas as áreas, desde os educadores e partidos da oposição, até os técnicos e burocratas do Ministério da Educação. Na verdade todos contestam a validade do Mobreal, que nestes 10 anos de atividade tem gasto grandes verbas em publicidade, executado outras atividades que não a de alfabetização e gerado sérias controvérsias, a principal, quanto ao seu presidente, Arlindo Lopes Correia, com mandato terminado em março, não renovar, mas que continua mandando e ordenando despesas. Enquanto isto, o fim do analfabetismo, sonho de toda a sociedade brasileira, continua inrealizado, chegando a ser, como afirma o diretor da Capes, Cláudio Moura e Castro em declarações ao ESP (7/9/80) "um sonho inviável", pois as experiências internacionais tem mostrado que a sistematização de trabalho do Mobreal não dá resultados concretos. Outras críticas tem sido feitas quanto as avaliações, sistemas de aulas e até quanto a possibilidade (já comprovada) de retorno ao analfabetismo. Ao mesmo tempo, quando o sistema do Mobreal não mostra os seus resultados, muitos perguntam sobre o método "Paulo Freire" utilizado com sucesso em várias partes do mundo.

Pesquisa

AIERI REUNIU PESQUISADORES DA COMUNICAÇÃO NA VENEZUELA

Durante os últimos dias de agosto reuniram-se em Caracas algumas centenas de pesquisadores e interessados em estudos sobre a comunicação e a informação, na reunião bi-anual da AIERI. O centro dos debates foi a questão levantada no "Informe McBride", da UNESCO, sobre uma nova ordem internacional para a informação. Ao final do Congresso aprovou-se o tema "comunicação e democracia" para a próxima reunião que terá lugar em Paris, em 1982. Esta escolha se deu em virtude de uma opinião manifestada pela maioria dos presentes a Caracas, segundo a qual não basta ordenar a questão a nível internacional, se isto significar colocar em

mãos de ditaduras militares a opção "tercermundista", isto é, não interessa aos chilenos trocar a ITT pelo Pinochet, ou aos Bolivianos trocar "Time Life" pelo general Mesa ou, para os argentinos, trocar a Westinghouse pelo general Videla... Possivelmente devido a problemas de distância, a reunião da AIERI, se contou com expressiva representação norte-americana e latinoamericana, teve uma participação mais reduzida de europeus, principalmente representantes de países socialistas. A forte presença latinoamericana, contrastou com a quase total ausência de brasileiros, cuja representação estava reduzida a três pessoas. O Presidente da AIERI, reeleito no Congresso, James Halloran, recebeu com simpatia, dando sua opinião favorável, à sugestão do grupo latinoamericano, da ALAIC (Associação Latinoamericana de Investigadores da Comunicação), segundo a qual é necessário que os próximos Congressos e Assembleias sejam mais democráticos, principalmente no que diz respeito às eleições para a direção da organização. (Fernando Perrone)

UNESCO PROMOVE SEMINÁRIO NO RS: NOVAS ABORDAGENS DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

Realizou-se em Porto Alegre, de 18 a 22 de agosto, o seminário "Novas abordagens de pesquisa em comunicação em função do desenvolvimento sócio-educacional e da comunicação interpersonal", patrocinado pela UNESCO e pela Fundação Padre Landell de Moura. Participaram como representantes da INTERCOM, os sócios Anamaría Fajul e Isaac Epstein, além do sócio Michel Thiolent, representando a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse seminário foi uma continuação daqueles realizados em Costa Rica (1976), Panamá e Colômbia (1978), também patrocinados pela UNESCO, nos quais se discutiram questões referentes às políticas de comunicação relacionadas com a temática da Nova Ordem Internacional da Informação. A preocupação desse seminário com as novas abordagens da Pesquisa em Comunicação representou uma ruptura com os seminários anteriores e foi justificada pelo diretor da UNESCO para a área de Comunicação, Wolfgang Seegeer, pela ausência de pesquisas no campo sócio-educacional e interpessoal. A questão das Tecnologias Apropriadas e das Tecnologias Avançadas revelou-se um ponto fundamental, uma vez que na América Latina as inovações tecnológicas no domínio da comunicação nem sempre obedecem as exigências sociais, políticas e econômicas do continente. Os temas propostos para os trabalhos de grupos foram: 1- "Como a expansão das redes de comunicação de massa e o aperfeiçoamento de sua tecnologia podem contribuir para o processo de desenvolvimento sócio-educativo dos setores menos privilegiados da população?". 2- "A nova política do Estado com relação à Educação para as periferias urbanas e o meio rural preconiza um enfoque educacional orientado para formas participativas de organização e produção comunitárias. Quais seriam as alternativas comunicacionais e de tecnologia educativa capazes de servir de apoio a esse novo enfoque?". Uma parte do documento final elaborada pelo grupo 2, do qual participaram os sócios da INTERCOM, ressaltava os seguintes aspectos referentes ao tema do seminário: a) Importância da pesquisa em Comunicação. Constatou-se a necessidade de uma reavaliação dos projetos de pesquisa com o objetivo de detectar as áreas prioritárias que serão atingidas no domínio da comunicação. Essa exigência deve-se ao fato de que apesar da grande quantidade de pesquisas já realizadas na área, não de pouca relevância e de escassa significação teórica e prática, embora se considere que essas pesquisas devem servir de base para a formulação de uma política de pesquisa nesse setor. b) Importância de um trabalho teórico em Comunicação. Frente ao privilégio da pesquisa em detrimento

da teoria, os participantes do grupo enfatizaram a importância de um trabalho teórico relacionado com as exigências de pesquisa em comunicação, uma vez que não existe pesquisa sem teoria. Diante da inconsistência e ambiguidade dos principais conceitos desse novo campo de conhecimento, revela-se tarefa fundamental o questionamento prévio e inicial dos conceitos utilizados. Esse Seminário promovido pela UNESCO, realizado a cada dois anos, teve como preocupação o debate entre pesquisadores do Cone Sul (Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai) e os estudiosos brasileiros da Comunicação. No próximo triênio, a UNESCO se preocupará com os "Efeitos das mensagens dos HCM", fazendo um levantamento dos estudos sobre esse assunto. Outro aspecto a ser considerado será aquele relacionado ao "Uso na educação dos HCM", pensando não somente nos programas educativos, como também nas possibilidades educativas dos meios de comunicação". A Informação foi prestada pelo representante do Escritório Regional da UNESCO para a América Latina, Dr. Arturo Matute.

Teoria

CLASSE MÉDIA E COMUNICAÇÃO, SEGUNDO FLUSSER

Em artigo para o "Volthetm" nº 189, Vilém Flusser afirma que "a classe média perdeu seu papel de intermediária nas comunicações dentro da sociedade. Só lhe resta mergulhar na cultura de "massas". Flusser delimita três níveis estruturais de comunicação, anteriores à recente revolução nas comunicações: o nível "superior", constituído pela cultura universal (universidades, laboratórios, etc...); o nível "médio", da cultura dita nacional (escolas médias, exércitos, partidos) e o nível "básico", caracterizado pela cultura popular (aldeias, seitas). O nível superior elaborava informações novas, que eram transmitidas pelo nível médio ao nível básico, que as integrava na memória da sociedade. Embora apenas o nível superior tivesse participação ativa na elaboração das informações, à classe média cabia o papel de transcodificá-las nos códigos das línguas nacionais. Era então conservadora em relação ao nível superior (conservava as informações elaboradas) e revolucionária em relação ao nível básico (transmitia informações novas). Com a revolução nas comunicações, as informações elaboradas em nível superior passam a ser transmitidas diretamente para a base da sociedade via rádio, TV, cinema, etc... Isso resulta uma redefinição da posição da classe média em relação à comunicação, já que atualmente só restam dois níveis de comunicação: a elaboração (feita pelo nível superior) e a recepção (pelo nível básico). Na impossibilidade de integrar-se no nível elaborador das mensagens, só lhe resta integrar-se, afirma Flusser, na cultura resultante do processo de transmissão acima descrito: a cultura de massa.

MÚSICA RURAL E URBANA: OS VÍNCULOS

A cultura calípa está acabando, constata o professor Antonio Cândido. E a música, como um de seus elementos, já deixou de ser autêntica no momento em que se comemora meio século de sua primeira gravação, e revela sintomas de aculturação, sendo influenciada - e influenciando - pela música urbana. Num trabalho único na discografia brasileira, o Estúdio Eldorado procurou registrar essa fase da música brasileira, reunindo no álbum duplo "Calípa - raízes e frutos, canções significativas da cultura calípa e criações recentes de autores

como Candeia, Chico Buarque e Théo de Barros, para descobrir certos traços comuns entre a música sertaneja e o trabalho de compositores urbanos na região Sudeste do país.

Tecnologia

PROCESSAMENTO DE DADOS + TELECOMUNICAÇÕES = TELEINFORMÁTICA

Dois situações concorreram para o surgimento da sociedade Informação: o desenvolvimento industrial, que afastou as populações das atividades mecânicas e de reprodução, deslocando a mão-de-obra para serviços e informações; e o esforço espacial, que obrigou a grandes investimentos na eletrônica visando à miniaturização. O resultado de tudo isso foi o aparecimento de equipamentos pequenos e baratos. Um claro exemplo são as calculadoras eletrônicas simples, cujo preço caiu de 100 para pouco mais de 2 dólares em dez anos. A sociedade atual tornou o computador indispensável por exigir uma velocidade e capacidade de assimilação de grande quantidade de informações produzidas a cada instante. O importante hoje não é mais a quantidade de conhecimento mas a capacidade de selecioná-los, isto é, de saber consultar. Para tanto, o computador e a telecomunicação respõem a parte operacional do problema. O lar começou a transformar-se num centro computadorizado, capaz de controlar desde o consumo de energia até a lista de compras do supermercado. Há já alguns meses, fazem enorme sucesso nos EUA os chamados "homecomputers", comercializados por um preço que varia entre mil e dois mil dólares. Acopláveis ao receptor doméstico de TV, que é assim utilizado como tela, podem ser usados para divertir (através dos incontáveis jogos eletrônicos que realizam) ou mesmo para controlar as finanças do lar, passando pela segurança e outros tipos de serviços, dependendo apenas da criatividade do "user". No Brasil, dizem, não se trata de uma realidade muito distante, mas segundo João Rodolfo do Prado, um país que tomou o bonde da tecnologia no meio do caminho deve se preocupar antes de tudo em preparar o homem para operar a máquina. Para ele, o problema crucial não está ao nível do "hardware", cada vez mais barato e acessível à tecnologia nacional, mas ao nível da programação ("software"), que demandará um futuro muito próximo perto de 50% dos custos necessários. Assim, faz-se urgente preparar a produção para os computadores, diz J.R. do Prado, pois "se as máquinas têm limites, os homens não".

A ERA DOS JORNALS ELETRÔNICOS

Há poucos dias, o "Columbus Dispatch" (Ohio) começou a transmitir todo o seu conteúdo editorial para 3.000 terminais domésticos, em todos os EUA, através de um sistema de computação chamado Compuserve. Por 5 dólares a hora, o leitor pode manipular o teclado de um computador fazendo aparecer numa tela a lista de todas as matérias publicadas naquele dia, selecionar qualquer um desses artigos, lê-lo ou simplesmente passar os olhos por ele, como faria com qualquer jornal aberto à sua frente, passando depois a outros e outros. Além disso, o leitor tem acesso a artigos da Associated Press, jogos, anúncios e outros serviços prestados aos consumidores. Dentro de um ano, mais treze jornais estarão à disposição dos leitores em suas casas, através do sistema Compuserve. Entre eles, o New York Times e o Washington Post. Outra experiência acaba de ser iniciada pelos jornais Knight-Ridder, em Coral Gables, na Fló-

rica. O projeto de 1,5 milhões de dólares oferece notícias, anúncios e outros serviços via 200 computadores particulares, instalados em residências da região, sem cobrar nada das famílias em questão. Se os leitores quiserem encomendar mercadorias de lojas da localidade, basta-lhes datilografar mensagens em seus terminais indicando qual o cartão de crédito em que as compras devem ser debitadas, e a hora e o modo pelo qual desejam que seja entregue o material adquirido. Essas informações são transmitidas pelo próprio leitor ao computador central. As estimativas sobre o número de computadores particulares em uso atualmente nos EUA variam de 300.000 a 500.000, pertencentes a pessoas que cultivam hobbies, como jogos, homens de negócios que desejam receber em casa as cotações da bolsa de ações, ou pessoas que reservam passagens aéreas ou mesas em restaurantes, compram e vendem imóveis e mandam flores por intermédio do computador. A novidade dos projetos Comuserve e Knight-Ridder está em que são as primeiras grandes experiências no fornecimento de notícias segundo os "gostos de duas vias", nos quais o leitor (ou espectador) tanto pode receber notícias como em vias-las. (José Manuel Morán)

Gente

HEBE CANARGO: EU SINTO A REVOLTA DO POVO

Depois de alguns anos ausente do vídeo, Hebe Canargo, a Madrinhá do Brasil, conforme título conhecido por Sergio Nicell, retornou em novo estilo, com um programa dominical na TV Bandeirantes. Há mais de um ano Hebe preenche o vazio das noites de domingo em muitos lares brasileiros. Só que a nova Hebe mostra-se politizada e realiza seu papo descontraído em ritmo de "abertura". Certamente, para conferir as opiniões próprias da entrevistadora com aquelas que veicula no programa (e cujo crédito geralmente se atribui à produção), a Folha de São Paulo incluiu-na na série de personalidades que estão sendo ouvidas diariamente a propósito da conjuntura brasileira. E realmente a nova Hebe defende pontos de vista consequentes, colocando-se por exemplo ao lado dos que reivindicam a Assembleia Constituinte - "Eu sou uma pessoa que lida com Comunicação, em veículos informativos como rádio e televisão, sinto a revolta do povo com os bônicos, por exemplo. Sinto sua impaciência para ter seus representantes legítimos. Não sei exatamente como ou por quem uma Constituinte poderia ser convocada, mas pelo que sinto ela já deveria ter sido feita há muito tempo. Acho também que muito pouca gente sabe o significado de uma Constituinte e o que dela poderia resultar porque, se todo mundo soubesse, terho a impressão de que ouviríamos de Norte a Sul do País a população toda pedindo-a como providência imediata". (FSP, 2/9/80)

SAMUEL WAINER: 1912-1980

Morreu em São Paulo, cidade em que nasceu, o jornalista Samuel Wainer, no dia 2 de setembro vítima de uma parada cardíaca. Figura significativa do jornalismo brasileiro contemporâneo, Wainer foi o responsável por uma transformação nos padrões da imprensa nacional, iniciada no fim da década de trinta com a revista Diretrizes (1938-1944) e consolidada na década de cinquenta com o jornal Última Hora (1951-1964). Todavia, a notoriedade de Samuel Wainer afirmou-se em 1949, quando entrevistou Getúlio Vargas em São Borja e anunciou o seu retorno

à vida política nacional. Wainer esteve no exílio duas vezes: em 1944, quando Getúlio Vargas fechou a revista Diretrizes; e em 1964, quando o Governo Militar que se instalou no país e desencadeou medidas de perseguição à cadeia Última Hora (a edição Nordeste, produzida em Recife, foi ocupada militarmente e proibida de circular), a edição carioca foi depurada, etc. Retornando do exílio, permaneceu na direção da UH até 1971, quando, não suportando a campanha de perseguição ao jornal, vindo a um grupo carioca. Então, assumiu a direção do semanário Domingo Ilustrado, editado pelo Grupo Bloch, e que durou pouco tempo. Em 1975, lançou em São Paulo um novo semanário Águia de São Paulo, que também não resistiu muito tempo. Na mesma ocasião, aceita o convite do Grupo Folhas, então proprietário da UH paulista, para reformular aquele jornal. Desde 1977, vinha trabalhando como comentarista político da Folha de São Paulo, assinando uma matéria diária na página dois daquele matutino. Ultimamente vinha escrevendo suas memórias, deixando cerca de 60 horas de gravação. A respeito da sua contribuição para o jornalismo brasileiro, jornais, entidades e personalidades divulgaram depoimentos, alguns dos quais transcrevemos a seguir: FOLHA DE SÃO PAULO - "Samuel Wainer marcou época na imprensa brasileira. Desbravou o caminho da reportagem política, dando ao repórter o mesmo grau de importância do cronista ou do analista. Criou uma nova linguagem para o jornalismo, fazendo da sua Última Hora a escola de toda uma geração, ainda hoje ativa. Inovou tecnicamente a edição do jornal diário, rompendo com o ranço gráfico que ainda predominava na imprensa brasileira". ABI - "Renovador de métodos gráficos, de política salarial, dignificando a profissão, de tratamento de matérias, pleneiro de concepções avançadas, como a da rede nacional de periódicos, posteriormente realizada pela televisão e pelo rádio, da criação de colunas especializadas e de uma linguagem coloquial, até então inédita em nossa imprensa, Samuel Wainer representou um momento alto em talento e lucidez". CLAUDIO ABRAMO - "Samuel Wainer não foi nem político, nem agressivo; foi um homem como muitos de nós, que se casou inteiro com o jornalismo e que, também como muitos de nós, foi muito feliz e infeliz".

Comunicação Internacional

TAMBÉM NO PERU, DITADURA MILITAR FEZ IMPRENSA RETROCEDER

A ditadura militar do Peru atrasou em 10 anos o desenvolvimento da imprensa. Isto é o que se pode entender a partir de declarações de antigos proprietários de jornais, que agora receberam de volta os seus veículos de comunicação, anteriormente expropriados pelo governo militar do general Alvarado. Em matéria para o Estado de S. Paulo, a repórter Efigênia Menina Barreto, ouviu alguns donos dos jornais peruanos, cerca de um mês após o atual presidente Belaunde Terry haver devolvido os órgãos de comunicação. De acordo com os mesmos os jornais haviam se transformado em repartições públicas e os jornalistas haviam perdido todo o senso crítico, passando somente a divulgar o que interessava aos militares. Também quanto ao grande número de pessoas contratadas, muitas sem o que fazer nas empresas, os ex e atuais proprietários fizeram as suas críticas. Prometeram que assim que tiverem em mãos as análises definitivas sobre a situação econômica e financeira, terão que partir para reformulações e até diminuição do quadro de funcionários. Outras críticas são quanto à não modernização das empresas e a queda de qualidade gráfica, que terminou por criar a queda de cir-

culação dos jornais pernambucos. No entanto é bom se verificar que a intenção de Alvarado não era a de criar "repartições públicas", mas, a de passar os jornais aos jornalistas, socializando-os. Tal desejo sofreu muitas modificações posteriores, em virtude das mudanças sofridas no próprio rumo da revolução pernambucana, quando os oficiais nacionalistas perderam o controle para oficiais de outras tendências políticas. O que fica de firme e incontestável é a certeza de que regimes de força sempre levam os meios de comunicação a um retrocesso.

Comunicação Popular

CERÂMICA DE TRACUINHÉM VEM A SÃO PAULO

Uma cidade pequena, 12 mil habitantes, encravada na Zona Norte do Estado de Pernambuco, Tracuiném vive, quase que exclusivamente do que produzem as suas 15 olarias e seus artistas ceramistas. Assim é que jarros, pratos, tijelas, santos mendigos e os tradicionais cachimbos de barro, constituem a riqueza desta cidade fundada no século XVI e que até hoje sempre esteve dedicada à produção de peças de cerâmica. Uma cidade que dá a impressão de ter parado no tempo, com sua pequena estação ferroviária e sua Igreja com o sino rachado e sem tocar, como informa o ESP (31/8/80). A arte da cerâmica e a estampana de Tiago Amorim, um dos principais artistas da cidade, estiveram expostas em São Paulo de 31 de agosto a 15 de setembro, no anfiteatro do SESI, rua Dr. Villa Nova, 245, onde muitas pessoas foram observar esta manifestação artística, que dia a dia vai perdendo as suas características, passando e produzindo objetos de arte quase que em sistema de linha de montagem.

MINAS REALIZA XVI SEMANA DO FOLCLORE

Com o mesmo sucesso do primeiro, realizado no ano passado, Minas Gerais realizou o II Simpósio de Comunicações sobre Pesquisas em Folclore, dentro da programação da XVI Semana de Folclore, numa promoção do Conselho de Pesquisas, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Comissão Mineira de Folclore, Coordenadoria de Cultura do Governo de Minas Gerais e apoio da Editora Vozes e Instituto Educacional Professor Ziller. O Simpósio foi realizado nos dias 19, 20 e 21 de agosto, contando com a presença de professores, estudantes e interessados em Folclore. Entre os que apresentaram trabalhos estavam a professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, da USP; Pierre Sanchis, professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA; Ecléia Bossi, da USP e Saul Alves Martins, da Comissão Mineira de Folclore.

FALTA AO POVO LOCAL PARA O DIÁLOGO

A comunicação interpessoal sempre foi um hábito das cidades, estejam elas onde estiverem. Assim é que Londres, Paris ou Nova York tem seus locais onde seus cidadãos batem seus papos e decidem os seus destinos. No Brasil também as cidades, grandes ou pequenas tem ou tiveram as suas praças, bares e lanhonetes, onde os últimos acontecimentos políticos são analisados, onde as últimas fofocas são comentadas, onde se fazem as nomeações, demissões, novos candidatos a postos eletivos e gente que não mais se elege. Só que no Brasil estes locais es-

tão desaparecendo, cedendo lugar a grandes avenidas, como em Belo Horizonte, ou a lojas de departamentos, como na Bahia e em São Paulo. Locais como o "Café Mica" ou a "Confecção da Colombo", no Rio de Janeiro, ou não mais existem, ou não reúnem os nomes que os fizeram famosos. Mas, parece que os governantes, os mesmos que muitas vezes contribuíram para a criação de locais tradicionais, ou que temem os comentários do povo, resolveram se precaver com a falta de locais tradicionais e já fazem tentativas de retorno aos mesmos, como em Curitiba, ou a construção de calçadões, como acontece aqui em São Paulo e em Recife. Na verdade, como mostra Efigênia Menna Barreto em reportagem do ESP (10/8/80), a falta de locais tradicionais e a falta de locais tradicionais e a falta de locais tradicionais, são ligadas aos costumes políticos e sociais brasileiros. A sorte é que ainda existem pontos como o "Senadinho", em Florianópolis, que não só permanece, como ainda ganhou notoriedade a partir do episódio com o presidente Figueiredo, onde as pessoas gostam de levar os visitantes de Santa Catarina e mostrar "Dinha, foi aqui que o Cesar Cals levou um murro na orelha".

CAIÇARA E CAIPIRA, DOIS TIPOS EM EXTINÇÃO

Na grande colcha de retalhos que é a formação étnica e cultural do povo brasileiro, dois tipos tornaram-se muito comuns em São Paulo. O caiçara, que no campo tinha uma vida bastante diferente da cidade e o caiçara que junto ao mar, ao seu barco e aos seus costumes, pareciam não pertencerem ao mesmo universo dos moradores das grandes cidades existentes no mesmo estado. No entanto, as transformações que a sociedade vem sofrendo, a ocupação das roças por grandes empresas multinacionais, a falta de terra para trabalhar e a presença de grandes empreendimentos imobiliários nas áreas marinhas, vem fazendo com que estes pessoas, sem roça e sem mar, comecem a procurar, também as grandes cidades e dia a dia percam as suas características tradicionais. Além dos migrantes nordestinos, os caiçaras e caiçaras formam, hoje, um novo contingente que se aglomera nas cidades maiores do Estado de São Paulo, sentindo os mais velhos a mudança de seus hábitos, que vão desde a troca da lenha do fogão, pelo gás até as músicas cantadas e dançadas, com nova geração abandonando os violões e acordes tradicionais, pelo som das guitarras e das discotecas. Enquanto isso, as praças e roças que antes ocupavam, são agora locais de clubes elitizados, loteamentos ou projetos agrícolas, onde o homem e suas tradições são o que menos importam. A situação do caiçara e do caiçara é bem analisada em matéria do OESP (7/9/80), quando Sérgio Coelho e Maria das Dores Basile, procuram ouvir e mostrar a situação de alguns que ainda resistem e dos que já trocaram as suas terras de origem e se acotovelam nas grandes cidades, mostrando que em pouco tempo serão dois tipos populares extintos.

OS POETAS DO RIO NÃO MAIS SERÃO CAÇADOS PELA POLÍTICA

Desde o dia 22 de agosto, os poetas repentistas residentes no Rio de Janeiro conseguirão realizar um intento pelo qual estavam lutando havia vários anos: um lugar público onde puderem cantar livremente e vender seus folhetos de Literatura de Cordel. Trata-se da Praça 15 (O Paço), que, daqui por diante, será lugar onde todos poderão mostrar uma das manifestações mais genuinamente populares do Brasil.

NEM TUDO É FESTA NO RIO

Ao mesmo tempo em que, euforicamente, os poetas nordestinos radicados no Rio de Janeiro faz tejam a concessão por parte das autoridades de uma praça onde, daqui por diante, cantarão livremente, sem medo de perseguições policiais, uma notícia triste vem esconder o evento: A morte da Cooperativa de Cordel do Estado do Rio de Janeiro. Esta cooperativa havia sido organizada no início deste ano e tinha por finalidade favorecer os poetas na publicação de seus livretos além de conseguir lugares e oportunidades para cantarem seus desafios. A burocracia, no entanto, os derrotou. Entre os inúmeros obstáculos de ordem legal, havia uma a tel Federal nº 5784/71, que obriga as cooperativas, mesmo as de artistas populares, a se filiarem ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, estabelecendo condições rígidas de funcionamento que implicam na formação de uma estrutura social, financeira e econômica absolutamente fora de alcance dos modestos poetas de cordel e repentistas. O líder, Raimundo Santa Helena, enterrou publicamente a COORDEL-RJ, na Feira Nordestina de São Cristóvão com a seguinte inscrição: AQUI JAZ A COORDEL, QUE MORREU ASSASSINADA POR UMA LEI APRESSADA - LAR DE POETA É NO CÉU...

OS POETAS DA BAHIA TAMBÉM TEM SUA PRAÇA

Também no dia 22 de agosto, foi inaugurado em Salvador, de frente ao Mercado Modelo, na Praça Calátria, uma área livre para os poetas populares baianos. Além disso, acaba de ser fundada pelo Governo do Estado, um Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel, sob direção da Profa. Edilene Dias Natos.

SOCIEDADES DE BAIROS: NOVOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO

As administradores municipais de quase todas as cidades do Brasil começaram a ter um intuito comum. Um intuito que foi se instalando devagar, quase sem ser sentido, ocupando o espaço deixado em branco durante os 16 anos de arbitrio e onissão dos representantes do povo, no caso os vereadores. Assim, sem alarde, as sociedades de defesa dos bairros foram surgindo, reivindicando, protestando, solicitando melhorias para seus bairros. O assunto mereceu a preocupação do caderno "Domingo" do Jornal do Brasil (7/9/80), que mostrou o nível de organização, as dificuldades e o espírito de união que existe nestas sociedades. Não só no Rio de Janeiro, o que mostra a reportagem, mas em todo o Brasil, as sociedades de defesa dos bairros e algumas outras associações, como as comunidades de base da Igreja, comunidades de periferia e velhas sociedades de amigos de bairro, vem trazendo preocupações aos administradores normados pelo sistema, pois se os mesmos não tem preocupações quanto ao voto, tem bastante as manifestações do povo, que com suas faixas, gritos e palavras de ordem, tem namido os mesmos trancados em seus gabinetes, cercados de guarda-costas e protetores policiais. O exemplo maior da atuação destas sociedades, pode ser visto em São Paulo, quando obras tem sido aceleradas, ou então suspensas, por pressões desenvolvidas pelos segmentos da sociedade civil, que não necessitam mais da mediação de vereadores, estes, que sempre envolvidos com o sistema e o apoio aos governos, sempre em troca de vantagens pessoais. As faixas, palavras de ordem, músicas e passeatas, além de vaías, tem preocupado os seus ad-

Após definir o papel e forma de contrainformação, Baldeili pensa em sua relação com as novas tecnologias audiovisuais. Faz um histórico desse tipo de trabalho contestador, no contexto italiano sobretudo, e termina propondo uma utilização política para o vídeo-tape e a composição de uma rede de contrainformação.

COLLIN, C. - "La radio est une bonne chose". In: Revue L'HOMME ET LA SOCIÉTÉ, nº 47, 48, 49 e 50, 1978.

Partindo da idéia de Brecht sobre as infinitas possibilidades do rádio, Collin apresenta um excelente trabalho sobre os diferentes papéis assumidos pelo rádio, segundo a situação política na qual se insere. A centralização do enfoque do autor repousa na utilização do rádio como instrumento de propaganda política.

GAUTHIER, C. et PILLARD, Ph. - Télévision Passive, Télévision Active. Paris, Tema, 1972.

Estudo sobre as possibilidades oferecidas pelas novas técnicas audiovisuais, principalmente o Vídeo-Tape portátil e a televisão por cabos, que seriam capazes de romper com a religião passiva do espectador diante do vídeo ocasional pela televisão de massa. Para tanto, os autores descrevem inúmeras experiências feitas no contexto europeu e norte-americano.

BAPAY, R.F. - La télévision par câbles, ou vers la communication horizontale. Paris, Editions du Cerf, 1975.

Um completo estudo sobre as experiências mais significativas de televisão por cabos, fora do domínio comercial. Como o próprio título do livro sugere, a TV por cabos poderia potencialmente restaurar a comunicação entre os indivíduos, tirando-os do isolamento e que foram submetidos pela televisão de massa. O autor assinala também as possibilidades dessa tecnologia no sentido de devolver a palavra aos espectadores.

REVUE COMMUNICATIONS - La Télévision par câbles: une révolution dans les communications sociales? - Paris, Seuil, nº 21, 1974.

Importante coletânea de textos sobre o assunto, dividida em três partes: uma definição do novo meio e suas possibilidades comunitárias; descrição de algumas experiências, sobretudo na área de vídeo-animação (ou vídeo de grupo); um balanço da tele distribuição nos EUA, Europa, Canadá e Japão e perspectivas do meio. Destaque para os ensaios de René Berger, Jean-Luc Courron, Jean D'Arcy, Guy Gauthier, Guy Milllard e Jean-Pierre Debols-Bunde.

BALDEILI, P. - Algunas consideraciones sobre la comunicación alternativa. In: LUTZBERGER e outros - "Cultura, Comunicación de Masas y Lucha de Clases". México, Editorial Nueva Imagen, 1978.

Através de vários exemplos, o autor procura definir-nos o que é a intervenção política de contrainformação. Como conclusão, Baldeili reconhece a importância do novo meio, mas propõe sua utilização ao lado dos tradicionais, enfatizando sobretudo a possibilidade do comunicador de não mais fazer discursos para os companheiros, mas com os companheiros.

VARIOS AUTORES - Animation et Media. Cahiers JEB, nº 8, Bruxelles, 1976.

Coletânea dos principais ensaios apresentados no 5º Encontro Interuniversitário de Comunicação Social, na Bélgica, em 1976. Aqui, o tema Animação Cultural é analisado a partir de experiências concretas, sobretudo com a utilização dos meios de comunicação. Os principais temas abordados: Animação cultural e educação, Animação cultural e Poder, consumo e produ-

ção cultural, subversão e/ou integração cultural.

HOOD, S. - The dilemma of the communicators. In: BIGSBY, C. - "Approaches to popular culture" London, Edward Arnold, 1976.

Reflexões sobre o trabalho do intelectual dentro do contexto dos meios de comunicação de massa, sobretudo no rádio e televisão.

JOHNNY VIDEOTAPE AND FRIENDS - Community video: a working model. Radical Software, nº 3, New York, 1971.

Descrição de um projeto de utilização do vídeo-tape ao nível da comunidade.

KENAUT, D. e KLINE, B. - In the hand of citizens: a video report. Radical Software, nº 1, New York, 1970.

Proposta de colocar um equipamento de vídeo-tape nas mãos de um grupo, a fim de que os indivíduos possam, através desse meio, descrever o meio ambiente em que vivem, chegando assim a uma nova maneira de expressá-lo.

KONAL, E. - Perché e come è oggi possibile lavorare per un uso radicalmente diverso del mezzo di comunicazione. Cineforum, nº 148, 1975.

Para o autor, ao propormos um uso político para os novos media devemos, antes de tudo, reconhecer-nos como militantes políticos. Nessa escolha inicial estaria o posicionamento do comunicador com relação ao medium escolhido: trabalhar tratando a audiência de forma paternal, criando mensagens para essa audiência, ou optando pelos problemas e valores da audiência, trabalhando ao seu lado num processo de criação coletiva.

BIBLIOGRAFIA CORRENTE DE COMUNICAÇÃO

Nº 19 (setembro/1980)

Editor: José Marques de Melo

Publicação de INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, Rua Augusta, 555 - São Paulo-SP, realizada com a colaboração do Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo.

BIBLIOGRAFIA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO RÁDIO E DA TELEVISÃO COMO INSTRUMENTOS DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Nota: Com a finalidade de oferecer aos sócios da INTERCOM, e assinantes do seu Boletim não apenas as referências dos últimos lançamentos editoriais, mas também orientação bibliográfica específica para certas áreas, dedicamos a presente edição da "BCC" ao tema - Utilização do Rádio e da Televisão como Instrumentos de Intervenção social. A seleção dos títulos e a elaboração dos resumos foi feita pelo sócio Luiz Fernando Santoro.

NEVE AUTREMENT - Livres Antennes, Zérami sauvaest. Paris, Seuil, nº 17, 1979.

Reúne dezenas de textos e depoimentos sobre as experiências francesas na batalha por uma outra ordem de Informação, às margens do monopólio estatal. São apresentados os mais recentes trabalhos em rádio, TV e Super-8, basicamente no nível militante, escritos por pessoas e grupos de intensa atuação na área. Entre outros, Guy Gauthier, Patrice Filchy, Guy Millard, Olivier Gagnier e L'Équipe Radio-verte-fessecheim.

BARBIER-ECUBET, J.F.; BEAUD, P. e FLICHT, P. - Communication et Pouvoir. Paris, Anthropos, 1975.

Estudo sobre os media comunitários no Quebec, Canadá. O livro analisa o contexto de seu surgimento, sucessos e fracassos, além de rica descrição de seu funcionamento. Os autores concluem com uma discussão sobre a validade e eficácia da televisão dita comunitária.

ION, J.; HÉGE, B. e ROUX, A.N. - L'Appareil d'Action Culturelle. Paris, Editions Universitaires, 1974.

Livro a respeito de problemática da Ação Cultural: o que é, condições de emergência e análise enquanto modo de intervenção social. O tema é também relacionado com arte, aparelho escolar, informação e, principalmente, política. Livro básico para quem tiver interesse em compreender o sentido dessas expressões profusamente utilizadas por toda a Europa após-68: animação e ação cultural.

VÁRIOS AUTORES - Cultura e Revolução. Coelhera, Centalha, 1977.

Textos relativos ao Congresso Cultural de Havana, em 1968, que apontam alguns caminhos para um uso revolucionário dos mass-media e discutem o papel do intelectual na revolução.

FRIEDMANN, G. - Ces Merveilleux Instruments. Paris, Denoël/Gonthier, 1979.

Coletânea post-mortem de textos escritos nos anos 60 e 70. A par de discutir as influências dos mass-media no ensino formal, o autor apresenta um capítulo sobre as possibilidades democráticas da televisão por cabos, encarando essa tecnologia como uma verdadeira revolução nos domínios da comunicação.

ENZENSBERGER, H.H. - Clamores para uma teoria dos meios de comunicação. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

O autor apresenta uma série de reflexões sobre as possibilidades subversivas dos meios de comunicação eletrônicos, apontando suas vantagens sobre os antigos na procura da verdade e na emancipação dos indivíduos com relação a esses novos meios.

COLLECTIF A/TRAVERSO - Radio Alice Radio Libre. Paris, Jean-Pierre Delarge, 1977.

Relato sobre a experiência da rádio Alice de Bologna, uma "rádio livre" que desenvolveu um trabalho de guerrilha de informação sobretudo no tocante à subversão da linguagem. O livro apresenta-nos sua proposta teórica, exemplificando-a com inúmeros trechos de scripts "levados ao ar".

DAVIS, D. e SIMMONS, A. (editores) - The New Television: a public/private art. Massachusetts, MIT Press, 1977.

Ensaio apresentado na "Conferência Internacional sobre o futuro da Televisão", em 1974, no Museu de Arte Moderna de Nova York. A Video-Arte é o tema central do livro, que apresenta várias considerações teóricas sobre o fenômeno televisão. Destaque para o trabalho de H.H. Enzensberger de título "Television and the politics of liberation", que faz uma análise das diferentes estratégias das esquerdas na tentativa de utilização da televisão, alertando-nos para as potencialidades do médium.

MOSCATI, I. - La Trasgressione Televisiva. Roma, Bulzoni, 1977.

O autor descreve várias experiências com o Video-tape fora do contexto de massa, principalmente o "Video underground", que é apresentado como uma verdadeira resposta aos mass-media mas ainda negligenciado pelos intelectuais.

COLLECTIF RADIOS LIBRES POPULAIRES - Les radios libres. Paris, Maspero, 1978.

Manifesto das rádios livres francesas contra o monopólio do Estado sobre as ondas. Livro bastante simples, que além de indicar certas estratégias para o estabelecimento de rádios livres, procura desmistificar a tecnologia, dedicando-se a ensinar aos leigos em eletrônica a construção de aparelhos para emissão.

FOREST, F. - Art Sociologique. Paris, Union Générale d'Éditions, 1977.

O título do livro é uma expressão lançada pelo autor que tenta explicar seu trabalho: uma prática sociológica intervencionista, através do vídeo. A inclusão da palavra arte na expressão é, antes de tudo, uma provocação, que visa ampliar o conceito de arte para incluir os trabalhos de animação via vídeo. O livro é complementado com a descrição de várias experiências feitas com o vídeo-tape e com um ensaio de Vilém Flusser sobre o trabalho do autor e a utilização do vídeo.

HALE, J. - La radio como arma política. Barcelona, Gustavo Gili, 1979.

Segundo o autor, o objetivo do livro é assinalar o papel do rádio nos conflitos ideológicos e políticos do século. Para tanto, dedica-se ao estudo do rádio a partir de sua utilização pela propaganda nazista, passando pela "guerra fria", pelas rádios nacionalistas das partes do terceiro mundo e chegando às atuais rádios clandestinas, ou livres.

BALDELLI, P. - Informazione e contro-informazione. Milano, Gabriele Mazzotta editore, 1972.

administradores. Que o diga Maluf...

Profissões

UM BALANÇO DO JORNALISMO

A jornalista Marcia Glogowski publicou na edição de 31/8/80, no jornal "O Estado de São Paulo" um balanço do verdadeiro ódio promovido contra o jornalismo no mundo inteiro. Alguns trechos de seu trabalho: "O caso mais alarmante é certamente o da Bolívia, onde, durante o golpe de Estado que derrubou a presidenta Lúcia Queller, pelo menos 50 jornalistas foram presos e levados para destino ignorado, segundo informou o secretário-geral da Federação Latino-Americana de Jornalistas (Felap), Hernán Uribe... Nas semanas que se seguiram ao golpe, muitos correspondentes estrangeiros, inclusive brasileiros, foram retirados de seus hotéis e levados para instalações militares... Em El Salvador, cinco jornalistas morreram este ano... A violência política na Guatemala atingiu ainda mais os jornalistas: desde o início do ano, 14 profissionais foram mortos e pelo menos sete deixaram o país devido a ameaças de morte, entre eles o diretor da Escola de Ciências de Comunicação da Universidade Nacional, Jorge Mario Chavez... A Argentina teve, nos últimos quatro anos, o maior genocídio de jornalistas que a Humanidade já testemunhou... cerca de 100 desapareceram e uma 400 deixaram o país. Lamentavelmente, todo jornalista que procura exercer livremente seu trabalho acaba com uma bala na cabeça ou lançado no fundo de um rio... O Irã se sobressai pela perseguição dos correspondentes estrangeiros que não divulgam a notícia segundo os moldes preferidos pelo governo. Desde que o ayatolá Komeini voltou ao país em janeiro de 1979, dezenas de jornalistas foram detidos ou simplesmente expulsos do país... O Afeganistão também expulsou os jornalistas norte-americanos em janeiro por "divulgarem propaganda falsa... No Líbano, os jornalistas vem sofrendo há anos constantes ameaças e dezenas de jornalistas já sofreram atentados, sendo o último contra Yahia Hazari, que trabalhava no jornal Al Liba, pró Irã no... Na Itália, o último assassinato de um jornalista foi em junho, contra Walter Tobagi do Corriere Della Sera e que desde 1978 era presidente da associação de Jornalistas da Lombardia... Todos esses casos levaram os vários organismos ligados à imprensa a manifestar suas preocupações pelos acontecimentos, pedindo explicações aos governos e punição dos responsáveis por atentados. A UNESCO concluiu, ao encerrar em maio um debate entre 30 organizações jornalísticas, que o jornalismo "é a profissão mais perigosa do mundo". As justificativas, quando feitas, são sempre as mesmas: "divulgação de notícias falsas", "distorções dos acontecimentos", "campanha para denegrir a imagem do país no exterior". Governos e grupos extremistas - além de se utilizar das tradicionais pressões, ameaças e censura - têm recorrido, cada vez mais a prisões e atentados para impedir o trabalho do jornalista de informar o público".

Veículos

CAMPÊ DE AUDIÊNCIA T E A QUALIDADE T

Acostumada a qualificar todos os seus programas como "campeões de audiência", comprovando

com as pesquisas do IBOPE, a Rede Globo de Televisão parece que não está muito preocupada com a qualidade dos mesmos, principalmente os que estão ligados à área do jornalismo. A repetição de notícias é uma constante e os assuntos, por mais importantes que sejam, são mostrados com muita superficialidade e sem maiores aprofundamentos, parecendo até que a emissora pretende é desinformar o seu público. Isto fica bem claro na análise da jornalista Maria Helena Dutra (Jornal do Brasil, 7/9/80 - caderno B), que mostra a verdade dos noticiários da Globo, muito mais preocupada com a plástica dos seus narradores que em fazer um real trabalho jornalístico. Notícias velhas, até com semanas de atraso, repetidas no Hoje, Jornal das Sete, Jornal Nacional e Jornal da Globo, sem que mereçam sequer outro tratamento. Destaque maior para notícias esportivas e policiais (desde que não estejam ligadas aos atentados terroristas) e internacionais (repetindo o que os jornais já noticiaram, inclusive com o mesmo linguajar das agências noticiosas) tem sido uma constante na emissora dos Marinhos. Até o Globo Repórter, um programa combativo e elogiado em épocas passadas, hoje nada mais é que um acervo de velhas imagens de arquivo, repetindo as mesmas reportagens que são questionadas no jornalismo diário.

É QUEM NÃO TEM TELEVISÃO ?

Esta parece ser a pergunta a ficar no ar, quando vemos os números apresentados na denúncia de Marcos Pereira e trazidos em matéria do caderno B do Jornal do Brasil (29/6/80) sobre a publicidade gratuita nas emissoras de televisão de músicas gravadas em selos pertencentes a diversos grupos que detem os canais de TV. De acordo com a denúncia de Marcos Pereira, e ele também proprietário de uma gravadora e produtor de discos, a concorrência é a mais desleal possível, pois enquanto as pequenas e médias gravadoras não podem divulgar seus conteúdos, só a Son Livre, selo pertencente à Rede Globo de Televisão, no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1979, teria gasto em inserções nas duas emissoras de TV (Rio e São Paulo) o equivalente a Cr\$ 281 milhões 463 mil, representando 10 mil 827 vezes os anúncios no ar, principalmente nos horários mais "nobres" da TV; ou seja as horas dedicadas às novelas. Mostra Marcos Pereira, que a Son Livre é um dos maiores anunciantes da TV Brasileira, em número de inserções, superando a Souza Cruz e a Gessy Lever. No entanto, não é apenas a gravadora da Globo que faz uma concorrência desleal, com a utilização de seus programas de TV para a promoção de seus artistas. Também os demais canais, embora em menor escala utilizam-se de novelas, jornais e outros programas, para a fixação de artistas, que em decorrência deste apoio, geralmente vêm suas cotas e participações diminuídas. Já que as gravadoras alegando a grande publicidade que oferecem aos mesmos, terminam por pagar-lhes menos. Bandeirantes, Sete e GTA são selos que pertencem a grupos ligados a televisão. Sem querer ir mais longe, basta lembrar que não faz muito tempo, Leda Alves, pesquisadora pernambucana fazia denúncias quanto a exploração que o selo Bandeirantes estaria fazendo ao artista popular de Recife, conhecido como "O Velho Faceta".

VÁRIOS GRUPOS INTERESSADOS NA TV TUPI

Apesar das informações que davam como quase acertada a concessão do canal da extinta TV Tupi à editora Abril, continuam proliferando os grupos interessados em investir na televisão

de massa. Além do grupo "Jornal do Brasil", aliado ao banqueiro Moreira Salles e ao então representante da Rede Globo, Walter Clark, apareceram pelo menos mais três pretendentes: a agência de publicidade Artplan, o grupo Maxsoni (da revista Visão) e até um grupo de cineastas brasileiros liderados por Luza Carlos Barreto, com intenções de produzir séries para o mercado internacional. O grupo Warner negou qualquer interesse em participar de redes de televisão, preferindo concentrar seus investimentos no rentoso mercado de discos, através da MEA, e dedicarse ao bastante promissor setor de videocassetes, cuja exploração deverá iniciar-se oficialmente no próximo ano.

O COMÉRCIO DO LIVRO E O MEC

Um grupo de trabalho, indicado pelo MEC para estudar os problemas de comercialização do livro no Brasil divulgou, no seu relatório, que mais de 40 milhões de brasileiros estão alijados da sociedade de mercado e portanto da compra de livros, e que se caminha para uma desenfreada estatização no setor editorial, sem resolver os problemas básicos: "As empresas estatais passaram a deter os privilégios dos abusos que deveriam ser corrigidos, com a desvantagem de o fazerem em caráter monopolístico". Ao mesmo tempo o grupo de trabalho do MEC exige o controle da comercialização editor/leitor, sem a mediação do livreiro convencional, para cobrir o comércio de alicenciamento dos professores por parte das editoras para que estes imponham determinados livros como obrigatórios aos alunos. Mas como cobrir esse tal comércio por venda direta, quando existem no Brasil apenas quatrocentas livrarias dignas do nome? O relatório insiste na difusão através do rádio e da televisão (novelas, radiodifusão) de obras importantes. Aponta para o mercado promissor na África e sugere que o governo facilite a aquisição de material escolar no começo de cada ano letivo, feito diretamente nas livrarias, e com juros subsidiados (10 meses, com juros de 15% ao ano em correção monetária).

A BANDEIRANTES: DESEJO DE UMA TV HUMANISTA E DEMOCRÁTICA

Esta, a TV Bandeirantes que Cláudio Petraglia pretende, em sua volta como superintendente de produção, programação e técnica, depois de dois anos de afastamento: uma televisão humanista, democrática, sem preconceitos de nenhum tipo, com uma programação que ofereça atrações a todos os públicos. Uma televisão forte, em rede nacional, firmando-se no segundo lugar da audiência e partindo para o mercado exterior. A nova programação da Bandeirantes será implantada progressivamente até março do próximo ano. O jornalismo e o esporte terão destaque, aprofundando a reformulação que já começou com a estreia de "Canal Livre" e o "Super Domingo Esportivo". Cláudio Petraglia quer um jornalismo "corajoso, correto e sério": corajoso, porque é o que o público exige nestes tempos de abertura; correto, na preocupação de ouvir sempre todos os lados envolvidos; e sério, para evitar a distorção dos fatos. No esporte, o futebol dividirá espaço com outras modalidades que têm público e até agora não têm opções. As novelas serão mantidas, mas com modificações. Para Petraglia a novela deve "ser ágil, trabalhar o máximo possível sobre os fatos que estão ocorrendo e sempre tendo como pano de fundo a realidade nacional. Outro aspecto da nova programação será a ênfase ao cinema nacional, através de projetos de produção de filmes e séries, coproduções com emissoras estrangeiras e exibição de filmes nacionais. Os filmes produzidos serão documentários e de ficção

ção, em esquema semelhante à atuais produções de Maurício Capovilla. A nova programação da Bandeirantes envolve recursos que, só na compra de equipamentos e implantação técnica, pr^o vé investimentos de US\$ 17 milhões em três anos. Os programas produzidos pelas emissoras filiadas serão exibidos em uma proporção inicial de 25%, do total da programação.

Eventos

ENCONTRO DE RELAÇÕES PÚBLICAS NA UNAERP

"Profissão e Mercado de Trabalho em Relações Públicas" é o tema central da VIII Semana Paulista de Estudos de Relações Públicas, que vai se realizar de 23 de outubro a 1^o de novembro deste ano, no Campus Universitário da UNAERP, em Ribeirão Preto. Os promotores da VII Semana de Estudos em RP, são a ABRP - Associação Brasileira de Relações Públicas - Seção Estadual de São Paulo e a União da Associação de Ensino de Ribeirão Preto. O tema central será subdividido em três sub-temas: "Atividade ou Profissão de Relações Públicas"; "Formação Profissional-Expectativa do Empresariado"; "Mercado de Trabalho: Empresa Privada e Órgãos Governamentais". A Semana é aberta à participação de professores, alunos e profissionais das áreas de Comunicação, sendo cobrada uma taxa de Cr\$ 1.000,00 a título de inscrição, com desconto de 50% para os sócios da ABRP e 30% para estudantes. Informações no Departamento de Relações Públicas da UNAERP, em Ribeirão Preto, ou na ABRP, em São Paulo.

RIO GRANDE FESTEJA SESQUICENTENÁRIO DA IMPRENSA

O primeiro jornal e circular no Rio Grande do Sul, foi o Diário de Porto Alegre, que saindo no dia 1^o de junho de 1827, iria ter 1 ano de existência. Este ano, comemorando os 150 anos de fundação do seu primeiro jornal, a Universidade Federal de Santa Maria (RS) resolveu montar uma exposição, onde não apenas o Diário de Porto Alegre era mostrado, mas todos os principais jornais do Rio Grande, durante este período. Para realizar a exposição, aberta no dia 9/9/80 e que vai até o dia 28, a UFSM e seu Curso de Comunicação Social, contou com a colaboração de Museu Hipólito José da Costa, pertencente ao Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

30 ANOS DE TV NO BRASIL

O Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS) estará promovendo, de 23 de setembro a 19 de outubro, uma série de atividades em comemoração aos 30 anos da Televisão Brasileira. No programa constam exposições, simpósios e palestras, tudo sobre televisão, além da exibição de vídeo-tapes históricos, filmes para a TV e de uma mostra sobre vídeo-arte. Entre as principais atividades: - Exposição "30 Anos de TV no Brasil", no MIS, de 23 de setembro a 19 de outubro. A história da Televisão Brasileira é mostrada através de fotos, roupas, cenários, aparelhos, etc... - Exposição "A Telenevela", no IDART, de 5 de outubro a 28 de dezembro. A apresentação da história e evolução da televisão no Brasil, bem como seu relacionamento com o público e os efeitos que exerce sobre este. - Mesa-redonda sobre "Problemas atuais da TV

no Brasil", no MIS, de 23 a 27 de setembro, às 20 horas. - Simpósio sobre "A Credibilidade no rádio e TV", na USP, de 6 a 10 de outubro, às 19 horas. - Simpósio sobre "A Influência da TV na Sociedade Brasileira", na FAAP, de 20 a 24 de outubro. - Simpósio sobre "A Televisão e a Infância", no MIS, de 17 a 21 de novembro. - Projeções diárias, em filme a VT, de dezenas de documentários feitos para a TV nos últimos anos.

BIENAL: SÓ A CRISE IMPEDE A COMPRA DE LIVROS

Para quem acredita que livro não merece a atenção do grande público, a 6a. Bienal Internacional do Livro, realizada no mês de agosto no Pavilhão de Exposições do Ibirapuera, mostrou que muitos estão interessados em ler e que só não o fazem por falta total de condições financeiras. Durante a semana da Bienal, 700 mil pessoas compareceram aos 156 estandes e quisiram totais ainda não avaliados, mas calculados em quantia superior a Cr\$ 50 milhões. Quase todas as livrarias afirmam que fizeram bons negócios, quando não com a venda direta, mas com o contato com o público, principalmente um público jovem e desejoso de ler e aprender. Fernando Mangarilio, da Alfa-Omega, em declarações a FSP (8/9/80), reafirma que são as precárias condições financeiras que impedem ao povo adquirir maior quantidade de livros. Disse o livreiro que muitas pessoas entram no Ibirapuera com o dinheiro da passagem de ônibus e mais uns trocados que garantim um "churros" ou um "cachorro quente" quando de saída. Eran pessoas que viam os livros, passeavam e nada podiam comprar, pois levavam de Cr\$ 50 a 100 cruzeiros, quantias que embora pequenas, iriam fazer falta em seus orçamentos domésticos.

CURTA METRAGEM: SALVADOR RETOMA SEU FESTIVAL

Depois de um ano realizado na Paraíba, já que motivos políticos impediram sua realização na Bahia, Salvador viveu momentos de festa com a realização da IX Jornada Brasileira de Curta-Metragem, reunindo cerca de 300 filmes, tanto de 35m, 16m e Super-8. Destes, 140 eram filmes novos e 60 disputaram premiação especial. O ponto alto da IX Jornada de Curta-Metragem foi a presença de grande número de filmes africanos em língua portuguesa e de produtores latino-americanos. Entre os últimos o grande destaque foi a realizadora nicaraguense Emilia Tel Carmen. A principal proposta da Jornada foi um encontro entre realizadores brasileiros africanos e latino-americanos, em busca de novos caminhos para a Curta-Metragem, principalmente uma forma de fugir as pressões das multinacionais que dominam o setor cinematográfico.

Serviços

BORDENAVE OFERECE CONSULTORIA

Com mais de 25 anos de atividades profissionais nas áreas de Comunicação Rural e Educação Agrícola, o professor Juan Diaz Bordenave está instalando uma empresa de consultoria em educação e comunicação, nas especialidades de Planejamento e Programação; Pesquisas; Capacitação e Produção de Materiais, para rádio, TV, livros e audio-visuals. O endereço para corres

ponência 4: Avenida Alexandre Ferrera, 318 - Jardim Botânico, Rio de Janeiro - CEP 22.479
O telefone é (021) 226.2213.

APLL TEM DOCUMENTO DO II ENCONTRO

A Associação de Professores de Língua e Literatura - APLL - entidade que reúne os professores desta área, está em franca movimentação. Depois de realizar o II Encontro de Professores de Língua e Literatura e participar de 13 mesas-redondas na XXII Reunião Anual da SBPC, está ultimando preparativos para o III Encontro, que vai acontecer nos últimos dias de setembro, em São Paulo. Quanto aos documentos do II Encontro, os mesmos estão circulando na revista "Linha D'Água", editada pela APLL e que pode ser adquirida através de correspondência para a Caixa Postal 8.619 - São Paulo - Capital.

FOLCLORE: MACKENZIE ENTREGA PREMIOS

Será no dia 12 de outubro a entrega dos prêmios aos vencedores do Concurso de Monografias do II Encontro com o Folclore, promovido pela Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Mackenzie, que encerrou seu prazo para recebimento dos trabalhos no último dia 19 de setembro. O concurso que vai premiar o melhor trabalho sobre o folclore brasileiro, é aberto a professores e alunos de qualquer grau, havendo premiação para três categorias. Além dos prêmios em dinheiro, serão entregues cartões de prata e certificados aos que se inscreveram.

Noticiário Geral

FIGUEIREDO CONDENA A PORNOGRAFIA NOS MCM

No mesmo dia em que a Polícia Federal apreendeu, no Rio de Janeiro, cerca de 13 mil exemplares de revistas consideradas "pornográficas", o general Figueiredo dizia, em Brasília, estar "impressionado com o excesso de pornografia em revistas e no cinema". Segundo o presidente, é preciso colir os abusos nessa área, razão pela qual já determinou ao Ministério de Justiça uma ação rigorosa contra os veículos que abordam, de forma mais ouvida, as questões sexuais. No mesmo tempo, no entanto, o próprio Ministério da Justiça, recusando-se a ser "tutor da moralidade pública" - segundo um de seus porta-vozes - resolveu transferir aos Estados a tarefa de apreensão das publicações "pornográficas"; em circular enviada pelo Ministro Ibrahim Abi-Ackel aos governadores e presidentes dos Tribunais de Justiça, recomendava-se que as autoridades cumprissem a lei (a Lei de Imprensa e o Código de Menores). Assim parece ter havido uma espécie de descentralização e divisão de tarefas nas pressões que se evoluem a cada dia contra a liberdade de imprensa. Como se já não bastasse o clima de terror criado pelos atentados da extrema-direita, contra os quais o governo tem se revelado absolutamente incompetente, sai a campo agora a pressão oficial com recomendações e apreensões.

POLÍCIA FEDERAL INVADIR JORNAL

A Polícia Federal invadiu, em meados de setembro, a redação do jornal "O Trabalho", apreendeu

do exemplares de uma de suas edições e incluiu seus proprietários a prestarem depoimento no DOPS paulista; tudo isso sem mandato de busca e com a caracterização de mais uma das violências contra a imprensa ocorrida nos últimos meses. O pretexto para a apreensão e invasão do jornal teria sido uma matéria em que "O Trabalho" pedia punição para o terrorismo de extrema-direita e que, segundo os policiais, "atentava contra altas personalidades nacionais".

INCÊNDIO CONTRA JORNAL

Um incêndio proposital destruiu, em setembro, toda a seção de fotolitos do jornal "O Periscópio", de Itu. Segundo o jornalista José Carlos Rodrigues Arruda, diretor do órgão, "a intenção era incendiar o jornal inteiro, pois nenhum valor foi retirado do prédio". No mesmo dia, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo denunciava o acontecimento como "mais um atentado terrorista contra a liberdade de expressão". "O Periscópio" é um jornal de oposição à política estadual e local e, recentemente, ficou ao lado da minoria da Câmara Municipal de Itu que propôs a cassação do título de cidadania concedido a Paulo Maluf. A delegacia de Itu abriu o tradicional inquérito enquanto o diretor do jornal garantia que o incêndio não calará "O Periscópio".

EMBRAFILME DEFENDE-SE DAS ACUSAÇÕES DE FIQUEIREDO

Acusado indiretamente pelo general Figueiredo de financiar filmes pornográficos, a Embrafilme, através de seu diretor geral, Celso Amorim, procurou salvar-se da investida. Segundo Amorim a empresa está passando por uma crise financeira e se limita, no momento, a pagar financiamentos feitos anteriormente. Dos filmes que estão no mercado, segundo disse, nenhum foi produzido pela atual gestão. "Somos contra a pornografia. Os filmes pornográficos tomam as datas dos filmes brasileiros de interesse cultural" - observou Amorim, acrescentando que a atuação mais forte da Embrafilme deve ser, exatamente, tomar o mercado dos filmes pornográficos, nacionais ou estrangeiros, disputando o interesse do público na tela, com filmes de qualidade e interesse cultural".

CONTINUA A GREVE DOS ATORES NOS EUA

Os representantes dos produtores de filmes e dos artistas cinematográficos (em greve há mais de oito semanas) de Hollywood, entraram numa nova fase de negociações, depois de superarem o principal obstáculo representado pelo pagamento dos direitos de comercialização de vídeo-cassetes e programas de TV a cabo. Apesar disso, ainda faltam ser solucionadas 30 ou 40 questões de ordem econômica sem o quê os artistas não voltarão ao trabalho. Como se recorda, os artistas norte-americanos reivindicam direitos sobre a comercialização dos vídeo-cassetes e de programas por TV a cabo, negados pelos produtores cinematográficos e de televisão.

POSTAS NAS RUAS DE SÃO PAULO

Centenas de postas organizaram em meados de setembro a II Passeata Política de São Paulo,

que culminou com um show de encerramento com a participação de artistas plásticos e compositores independentes nas portas do Teatro Municipal. Ao contrário da I Passeata, no entanto, desta vez os poetas procuraram interferir no marasma urbano da cidade, estimulando uma "arte-tecnição", popular e, principalmente, "abrindo espaços e conquistando corações". A manifestação pretende, além disso, caracterizar o movimento independente de São Paulo.

A MULHER NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Com o título acima a Frente de Mulheres Feministas realizou no dia 9 de Julho deste ano, no Teatro Ruth Escobar, um debate muito importante, discutindo o posicionamento da mulher perante os meios de comunicação e a própria sociedade. Feministas, médicas, artistas, psicólogas, e outras pessoas, estiveram debatendo problemas como a utilização de fotos e quadros de mulheres nuas, tão comuns nas programações de TV e também de revistas e out-doors, numa clara exploração do corpo feminino. Também a divisão de empregos, problemas salariais, mostrando que muitas vezes as mulheres executam o mesmo trabalho e recebem salários menores; preconceitos quanto ao trabalho feminino; tabus existentes nas empresas e toda a problemática feminina e feminista, mereceram a atenção das presentes, que marcaram novos debates, a fim de que as mulheres possam a despertar para seus problemas e elas mesmas, começarem a encontrar as soluções necessárias. Os debates promovidos pela Frente de Mulheres Feministas tiveram início em 31 de março deste ano, sempre no Teatro Ruth Escobar.

Relatório

OPINIÕES DE ANTONIO CÂNDIDO

Trechos da entrevista que Antonio Cândido concedeu à "Folha de São Paulo" no início de agosto: Sobre o governo de São Paulo: "O atual governo do Estado de São Paulo tem demonstrado a incompreensão assustadora em relação a tudo que é cultura, educação e saúde, a despeito das afirmações que faz e a despeito das iniciativas inteligentes de alguns dos seus membros. Mas acho que esse governo não tem noção dos problemas universitários e tem negado ao setor de saúde e de educação um apoio mínimo sem o qual eles não podem se desenvolver. Nunca vi um governo tão insensível a esses setores quanto este. Isso pode causar prejuízos muito graves porque o atraso de quatro ou cinco anos nesses setores é uma coisa catastrófica". Sobre a Igreja: "Hoje eu considero a Igreja talvez a força mais importante do Brasil no sentido da justiça social. Acho que não há partido político nenhum que tenha a capacidade de libertação humana, de senso de justiça e de luta pela fraternidade que ela tem. Sempre tive a espécie de desejo de que a Igreja pudesse desempenhar o papel de que é capaz, graças à sua capacidade de audiência e seu prestígio (...). Os partidos revolucionários têm que redefinir sua rambla de ser e suas tarefas em face do que ela faz. Muito mais do que os partidos, a Igreja tem a capacidade de penetrar no cotidiano de cada pessoa, e através dessa penetração operar a transformação". Sobre Cuba: "Um país que conseguiu acabar com a fome, com as doenças infecciosas passivas de controle e com o analfabetismo em 20 anos! Qual foi outro que fez isso? Costuma-se muito dizer que Cuba saiu da influência americana para cair na soviética. Perfeito, admitamos que seja isso. Então pergunta-se: o que era ela no tempo em que pre-

dominava a influência dos Estados Unidos? Era um país de prostituição, de jogo, de crime, de desemprego, de miséria e de humilhação. O que é Cuba na fase de influência da União Soviética? É um país em que não há fome, não há doença, e não há miséria. Portanto, a gente é obrigada a concluir que foi muito melhor mudar de dependência". Sobre a abertura: "Emparada com o que era há alguns anos atrás, a situação é bem melhor (...). Hoje nós temos no Brasil um padrão de liberdade de pensamento e de imprensa bastante apreciável, embora o regime autoritário esteja aí intacto com suas possibilidades de reação". Sobre seu ingresso no PT: "Ao tomar a atitude de entrar no PT, segui em parte a orientação de um grande amigo que morreu em setembro do ano passado e que considero uma das maiores cabeças políticas que conheci: Fabus Gikovate. Como ele, acho que o PT corresponde a uma tentativa de socialismo democrático, desta vez partido dos próprios operários, o que é uma coisa totalmente nova no Brasil. Acho que no PT existe a possibilidade de um socialismo democrático combativo, não de um mero reformismo, por causa de sua base operária e sua alta consciência sindical.

Comentário

O NOVO JORNALISTA

O jornalismo brasileiro sofreu importantes modificações nas duas últimas décadas. A imprensa tradicional incorporou novas tecnologias de produção, o jornalista sepultou definitivamente a área de romantismo que o prejudicava e melhorou seu nível de ilustração. Registraram-se significativos aumentos percentuais nos salários, renasceu e consolidou-se - a ponto de não ser mais vista como "fenômeno" - a imprensa alternativa. Em meio a estas e outras transformações, o jornalismo brasileiro ganhou uma importante contribuição para a sua formação. Trata-se do que chamaremos de novo jornalista. Como todo algo novo que surge num processo, este novo jornalista não pode ser ainda concluído com ares definitivos, nem as características com que se procurará identificá-lo devem ser consideradas incontestáveis. O que pretendemos é levantar o tema e oferecer sugestões para a identificação, o estudo e a avaliação deste elemento. O novo jornalista não é - mais recente aquisição do jornalismo brasileiro, embora ainda não devidamente identificado, ou ignorado e substituído - ele está por trás de muitas das mais importantes transformações ocorridas na imprensa brasileira. O enunciado pode parecer elementar: se há transformações num processo humano, obviamente por trás delas há de estar o homem - ou alguns deles. Mas, é importante verificar que muitas das mudanças acima apontadas exigiram dos seus realizadores apenas adaptação aos avanços tecnológicos. Já outras dessas mudanças - mais identificadas com o real sentido da palavra progresso - exigiram homens de um novo tempo, novas mentalidades, "novos jornalistas". As modificações que estes homens provocaram e continuam a provocar - embora outros jornalistas tenham contribuído e até se lhes antecedido - não se resumem a meras atualizações tecnológicas impostas pela modernização crescente da produção industrial no que se refere à imprensa. O que eles fizeram - e o papel que assumiram - representa um vital questionamento do jornalismo brasileiro, um vasculhamento do seu passado e dos rumos que poderá tomar, de sua ideologia, do seu poder. Eles questionaram, sobretudo, o que a nossa imprensa fez - ou deixou de fazer enquanto agente de transformação e progresso social. E ainda: o quanto esta imprensa tem de culpa na manutenção do nosso atraso secular e na preservação de um "status

que" cujo número dos que o alcançam diminui cada vez mais. Uma análise do Centro de Informações do Exército - Clex⁽¹⁾, ao teorizar sobre o nascimento de um jornal alternativo chama a atenção para "alguns jornalistas que, não obtendo colaboração adequada nos órgãos existentes, montaram seu próprio jornal". Essa situação é uma das primeiras onde se pode identificar o novo jornalista. Efetivamente, este profissional não obtém nos jornais tradicionais o clima favorável à execução do que aprendeu a respeito do papel do jornalista (com algumas exceções), porque a conscientização que adquiriu mostra que os seus propósitos profissionais são diversos - senão incompatíveis - com os da grande imprensa. Foi trabalhando nos jornais tradicionais que os novos jornalistas aprenderam que o estado de coisas surgido a partir de 1964 encontrava um dos seus sustentáculos nessa imprensa - contestadora apenas de pontos como a censura, e isto porque a censura à imprensa prejudica os jornais como empresas⁽²⁾. Estes jornalistas descobriram que a liberdade de imprensa defendida pelos grandes jornais tinha não única e jamais poderia ser usada para se criticar as práticas capitalistas, mesmo identificadas como "selvagens". Paralelamente à conscientização sobre em que tipo de máquina de produção capitalista estava preso, o novo jornalista adquiriu novas visões da imprensa - como ela se define - imparcial. Estas visões podem ser apontadas como algumas de suas características: - Consciência da importância que tem como comunicador no processo de desenvolvimento social, fugindo à condição de simples "transmissor de fatos"; - Engajamento social e político manifesto através da prática do jornalismo fo que é uma contestação ao modelo norte-americano de jornalismo adotado pela grande imprensa brasileira que, embora dizendo-se neutro, objetivo, imparcial, é um modelo ideologicamente capitalista); - Rejeição aos privilégios que alguns buscam através do jornalismo, sejam de fins utilitários (empregos públicos, favores em órgãos oficiais), sejam para aparentar status (amizades com autoridades, empresários e pessoas importantes, etc); - Discussão de elementos como "linha do jornal", "língua objetiva", "imparcialidade profissional"; - Rejeição ao conceito de que "o jornalista é um profissional alagado"; - Intensa participação em debates teóricos sobre o jornalismo em seminários, encontros, etc; - Esnobismo às editoras de política e esportes (o que significa um contrassenso ao grau de ilustração e consciência social destes profissionais. Eles não notaram o alcance social destas editorias? Ou mantêm a postura tradicional dos intelectuais desinteressados de temas cuja audiência seja formada por pessoas de baixo nível intelectual?); - Troca da linguagem objetiva por uma subjetiva, relatando o visto segundo a ótica do partido que assume, o das classes subalternas e oprimidas. A relação entre o novo jornalista e a imprensa alternativa apareceu como vital para o surgimento de um e o renascimento do outro (tomando como afirmação que os jornais alternativos existem no Brasil antes do "boom" da década de 70, seja no campo operário, partidário, negro, etc). Impossibilidade de deixar a grande imprensa, seu fator de sustentação - e com lugar nela por sua capacidade profissional -, o novo jornalista procurou meios de extravasar seus ideais. A descoberta do meio - os jornais alternativos - foi um dos responsáveis pelo florescimento deste tipo de imprensa no Brasil. E pode-se qualificar a imprensa alternativa como fundamental para o revigoramento do jornalismo brasileiro - seja pelas temas que passou a levantar, pela ampliação do mercado profissional, pelo público leitor que criou, pela renovação da linguagem, ou pelo papel político que assumiu no vazio deixado pela grande imprensa. Obviamente, a imprensa alternativa não renasceu unicamente da disposição de determinado tipo de jornalista em usá-la como meio para expandir seu idealismo profissional. Mas, a mentalidade do

va destes jornalistas foi básica para o seu ressurgimento. E também, para que ela fosse escolhida, colaborou certamente os seus custos menores, o sucesso da experiência em outros países, e curiosidade do público por este veículo, as novas formas de administração. De fato, do constante ainda do relatório do Clex - que existiam mais de 100 jornais alternativos⁽³⁾ no país quando foi feito o estudo - deixa transparecer que também o número daqueles que fazem a imprensa alternativa é crescente em todo o país. As cooperativas de jornalistas - que já chegam a 10 - são uma das formas encontradas (e uma boa contribuição) pelos novos jornalistas para trabalharem sem a figura do patrão, único mentor ideológico dos jornais tradicionais. A criação das cooperativas visaram, basicamente, criar condições financeiras para a manutenção dos jornais, praticar um sistema coletivo de direção destes jornais - notadamente no que toca à sua linha -, e eliminação do lucro dos patrões sobre os salários dos jornalistas, além de criar um novo mercado de trabalho, com a edição de jornais de empresas, revistas técnicas, etc. Referente à linguagem, os novos jornalistas não se tornaram um ponto de discussão apenas como forma de criação literária, como o fez o "new journalism" nos Estados Unidos. Entre estes jornalistas, a discussão da linguagem tomou rumos menos estilísticos, desviou-se para questionamentos do tipo: é possível uma linguagem objetiva, o que seria uma linguagem objetiva, a quem ela serve? As preocupações com a objetividade da linguagem foram esquecidas e o novo jornalista passou a questioná-la mais profundamente, a ponto de Marcos Faerman, ao final de uma reportagem sobre os índios chetás, indagar: "Será que tu do isso é verdade?". Na sua linguagem, o novo jornalista não quer apenas transmitir fatos, mas sobretudo levar o leitor à realidade, exigindo em troca um engajamento, uma participação ativa, para modificar a situação sobre a qual informouse. Ao escrever, o novo jornalista não quer somente satisfazer-se em denunciar, nem tampouco ver sua reportagem como escape de consciência social. A linguagem deste jornalista é assumidamente ideológica, engajada, partidária até. Ele sabe que não se convida ninguém a modificar uma realidade descrevendo-a com palavras secas, "objetivas", desvinculadas da cor dos fatos, e sem questionar as causas os culpados, sem sugerir modos de transformá-la. Como antídoto, alguns jornais tradicionais chegaram a anunciar incentivos a quem melhor escrevesse em "língua enxuta". O que é língua enxuta? O novo meio (os jornais alternativos), a forma (a nova linguagem), e o questionamento de sua responsabilidade como comunicador social são os três elementos básicos que marcam o novo jornalista. Para assumir estas características, eles se arriscaram a serem classificados, até, como faz o relatório do Clex, de "comunistas", qualificação das mais indesejáveis no persistente quadro político brasileiro. Visto por uma ótica menos maniqueísta, o novo jornalista é alguém que, conscientizado da importância que tem no processo de desenvolvimento social, procura agir de acordo com sua consciência e por sua capacidade profissional a serviço de quem acredita, precisa e merece. Sua ação manifestou-se não somente ao transmitir os fatos, mas também sobre os fatos. Como fizeram os repórteres da Globo de São Paulo em manifesto divulgado durante a greve dos metalúrgicos em março de 1979, denunciando a manipulação do material que produziam e o boicote da emissora às posições dos grevistas. De forma específica, a ação citada corresponde a parte do discurso feito por David de Moraes ao assumir a presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, e que pode ser considerado uma forte contribuição ao ideal do novo jornalista: "O estudo de história da informação mostra que não existe a informação pela informação. Informa-se sempre para orientar em determinado sentido as diversas classes e camadas da soci-

dade e com o objetivo de que essa orientação se reflita em ações... Nós não aceitamos a tese de que o jornalista possa ser neutro ou apolítico no exercício de sua profissão. Não aceitamos também a definição de que a comunicação é apenas "o processo mediante o qual se transmitem significados entre as pessoas". Entendemos que qualquer processo de comunicação envolve sempre uma intenção, cujo conteúdo ideológico vai depender muito mais de quem detém a propriedade dos meios de comunicação do que o profissional que executa o trabalho". (Odair José Vasconcelos de Medeiros - da Cooperativa de Jornalistas de Natal - RN)

Notas: (1) Análise do Centro de Informações do Exército - Clex sobre a imprensa alternativa publicado pelos jornais em abril de 1979. (2) No livro "Jornalismo e Liberdade", Fernandes Neto afirma que os proprietários de jornais desviam o real sentido da luta pela liberdade de imprensa, transformando-a em "liberdade de empresa". O resultado, segundo o autor, é a utilização da liberdade de imprensa "como fachada, exatamente para impedir que o jornalista se coloque ao lado do povo, parcela que ele é da coletividade sofrida e não da minoria de grandes proprietários". (3) Evidentemente, nem todos têm a mesma linha nem buscam os mesmos objetivos. Alguns, como o fracassado "Expresso" e "A carta" têm conteúdo idêntico ao dos grandes jornais, quando não se apresentam como de direita radical.

5:5:5:5:5